

ISSN 0870-4147

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XXII



COIMBRA/1985

# B I B L I O G R A F I A

CORCINO MEDEIROS DOS SANTOS — *Economia e sociedade no Rio Grande do Sul. Século XVIII*. São Paulo, 1984. Companhia Editora Nacional; Instituto Nacional do Livro; Fundação Nacional Pró-Memória. Coleção «Brasileira», vol. 379. xxi + 216 pp.

O Prof. Corcino Medeiros dos Santos, da Universidade de Brasília, já conhecido no campo historiográfico por estudos de história económica e social do Brasil setecentista, traz-nos, com este livro, mais um importante contributo dentro desse domínio, voltando-se agora, de um modo especial, para o Rio Grande do Sul. O seu objectivo foi, segundo ele próprio diz, «procurar retratar, redescobrir e interpretar todo o processo de integração do Rio Grande ao mundo lusitano» (p. 176). Os resultados da pesquisa e a sua elaboração aparecem-nos condensados em três partes, que tratam sucessivamente de *A colonização*, *A pecuária* e *A produção e o comércio*, seguidas das *Conclusões*, do apêndice documental e da lista das fontes e bibliografia.

Partindo, naturalmente, dos primeiros povoadores, mostramos o A. como se processou a ocupação das regiões do Sul, entre a Colónia do Sacramento e Laguna, com o momento capital da fundação do presídio do Rio Grande (1737). «Era preciso ocupar o imenso vazio demográfico para formar uma barreira à expansão espanhola» (p. 19). Para isso contribuíram decisivamente as famílias enviadas dos Açores, além de outros elementos portugueses e luso-brasileiros, sem esquecer o papel dos índios e mesmo dos negros (apesar de opiniões em contrário). Desde o último quartel do século xviii já é possível conhecer com precisão numérica a população por freguesia e a sua repartição tendo em conta o sexo, a cor e o *status*, assim como o seu rápido crescimento. Ficamos também com uma ideia bastante completa das caracte-

rísticas sociais dos sul-rio-grandenses de então, do seu género de vida, das linhas gerais da ocupação do solo e da estrutura fundiária e respectivos problemas.

Considerando o predomínio da grande propriedade territorial dedicada à criação de gado, isto é, da *estância* (p. 52), compreende-se que o A. dedique toda a 2.<sup>a</sup> parte à pecuária, que efectivamente veio a ter papel preponderante na economia da região. Estudados os primórdios, tomamos depois contacto com a iniciativa estatal das «estâncias reais», os entraves ao crescimento do rebanho, e, apesar disso, a sua manifesta importância económica e social, traduzida, nomeadamente, no desenvolvimento da indústria do charque a partir da década de 1780. No entanto, por fundamental que tenha sido o seu papel, a pecuária não representou toda a vida económica do Rio Grande. Impossível esquecer a agricultura e o comércio, aos quais é dedicada a 3.<sup>a</sup> parte da obra.

Reconhecida a fertilidade do solo gaúcho, próprio para diversas culturas e «especial» para a do trigo (como dizia um autor de fins do século xviii), não é de admirar o desenvolvimento que esta veio a alcançar e o lugar que teve no movimento comercial. «Todos os cronistas do Rio Grande do Sul no final do século xviii e começo do século xix são unânimes em confirmar o crescimento da agricultura, do comércio e da navegação» (p. 106). Crescimento muito bem estudado pelo A., com base, sempre que possível, em dados numéricos. Graças a estas páginas, ficamos a conhecer, de forma pormenorizada, a quantidade e o valor dos principais géneros exportados e importados, avultando entre os primeiros (após a fase inicial da venda de gado vivo para as Minas Gerais), o charque, os couros e o trigo, e, entre os últimos, os tecidos, o sal, os escravos e o açúcar.

Mais importante como mercado fornecedor do que como consumidor, o Rio Grande tinha já uma actividade comercial relativamente intensa, não obstante «a deficiência dos meios de transportes internos e externos» (p. 103). A abertura dos portos do Brasil em 1808 veio ainda, como é natural, internacionalizar este comércio e contribuir para alterar a sua natureza e extensão (p. 133). Por outro lado, tendo em conta que «o Rio Grande deve ser entendido como uma realidade geográfica, da qual faziam parte a ilha de Santa Catarina e a Colónia do Sacramento» (p. 146), não se pode esquecer o seu papel de entreposto no comércio com o Prata,

que vinha de tempos muito antigos, dada a natureza complementar das economias brasileira e platina.

Nas páginas finais do seu estudo revela-nos o A. que a Fazenda Real do Rio Grande «viveu em permanente débito» (p. 155), o que não é de estranhar se lembrarmos que as fronteiras do território «estavam em litígio», exigindo «grandes gastos militares» (p. 157). Nas conclusões do livro são postos em foco, de forma sintética, os factores económicos e político-militares que, no século xviii, levaram à definitiva integração do Rio Grande do Sul no Brasil e no mundo atlântico português (pp. 173-176).

Descrita a obra a traços largos, importa acentuar as preocupações de rigor metodológico do A., que procurou, tanto quanto possível, escrever uma história com bases quantitativas, apesar da frequente falta de dados numéricos, que só permite «formar séries estatísticas e construir curvas» para os fins do século xviii e princípios do xix (p. 134). Os elementos existentes foram aproveitados ao máximo, em numerosas tabelas e gráficos. Por outro lado, a sua concepção globalizante da história leva-o a considerar sempre, com cuidado, a multiplicidade de factores no processo histórico, afastando as explicações unilaterais. Note-se, por exemplo, a atenção prestada aos aspectos político-militares, ao lado dos económicos, na fundação da Colónia do Sacramento e na formação do Rio Grande do Sul. Como resultado final, ficamos a dispor de uma síntese bem elaborada, redigida em termos sóbrios e objectivos, com a sólida fundamentação de uma vasta bibliografia e dos novos dados recolhidos nas investigações pessoais do A. em arquivos brasileiros, portugueses e espanhóis.

Nestas circunstâncias, não parecerá descabido terminar a presente recensão com algumas dúvidas e observações de pormenor que em nada afectam uma apreciação global largamente positiva, como a que ficou expressa.

Assim, gostaríamos de saber qual o fundamento da notícia, já antiga, de que, por altura de 1676, a câmara do Rio de Janeiro pediu ao Príncipe Regente que fundasse uma fortaleza na margem esquerda do Prata (p. 2) <sup>(1)</sup>.

Não obstante a autoridade de Aurélio Porto, consideramos

<sup>(1)</sup> Cfr. *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, vol. i, Coimbra, 1957, p. 104, nota 376.

inexacta a afirmação de que só a partir de 1705 os espanhóis conheceram a riqueza pecuária da Vacaria do Mar (p. 62), pois não faltam documentos a contrariá-la <sup>(2)</sup>. E, a propósito, seja-nos permitido lembrar que no nosso livro *A Colónia do Sacramento na época da Sucessão de Espanha* teria o A. encontrado numerosos elementos sobre a produção e o comércio dos couros da Colónia do Sacramento nos fins do século xvii e princípios do século xviii (ver pp. 94-135 e apêndice documental).

A transcrição entre aspas de algumas linhas do parecer de D. Francisco Naper de Lencastre, de 10 de Janeiro de 1694 (pp. 148-149), pode dar ao leitor a ideia de que ela é feita *ipsis verbis*, quando, afinal, o texto está, em parte, condensado <sup>(3)</sup>. Acrescenta-se que, nos documentos publicados em apêndice, escaparam alguns lapsos de leitura ou de revisão. Na página 177 encontramos «cavalheiro professor» por «cavaleiro professo»; na p. 194, l. 11 (2.<sup>a</sup> col.), «manterem» por «matarem»; na mesma página, l. 18 (2.<sup>a</sup> col.), «vacas» por «casas», e na l. 44 (2.<sup>a</sup> col.), «de hoje» por «se haja». O parágrafo 4 da p. 195 é confuso, dando a impressão de haver algum salto de palavras. Mas tudo isto é insignificante numa obra cu jo valor não está em causa.

LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

W. TH. M. FRIJHOFF — *La société néerlandaise et ses gradués, 1575-1814 (Une recherche sérielle sur le statut des intellectuels à partir des registres universitaires)*. APA, Holland University Press, Amsterdam, 1981, xvii + 422 pp.

W. Th. M. Frijhoff aparece-nos ligado a um grupo de pesquisa do Centre de Recherches Historiques de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales que se propõe rever a problemática concernente ao estudo das Universidades Europeias na Época Moderna e que elabora, em 1978, publicando-o sob a assinatura de Roger Chartier

<sup>(2)</sup> Cfr. *A Colónia do Sacramento na época da Sucessão de Espanha*, Coimbra, 1973, p. 100 e nota 66.

<sup>(3)</sup> Cfr. *ibidem*, p. 339.